

L. 11206¹¹

terra de ninguém

Redondilhas da Grande Guerra



Segunda edição

1929

Livraria Central, Editora - Lisboa

Terra de Ninguem



Desta edição, fez-se uma tiragem especial de 60 exemplares, em papel «kent», todos numerados e rubricados pelo autor.



Do mesmo Auctor:

- Primeiros rebentos* (1914).
Rosas de todo o anno, musica de Raul de Campos
(1914). — 2.^a Edição.
Beijos, musica de C. Magliano (1916). — 3.^a Edição.
— Exgotado.
Desgarcadas (1916). — Exgotado.
Pão do exílio (1927).
Das quatro estações, musica de C. Magliano (1927).
Suavidade (1928).

EM PUBLICAÇÃO:

- Poema d'um lavrador*, Sonetinhos.
Refago postal, Cartas às mulheres.
Lascivia, Poemas da sensibilidade.
Sóror Aitor!, Theatralisação das cartas de Sóror
Mariana Alcoforado.
Colcha de Retalhos, Notas à margem da Vida e do
Amor.
No colete encarnado, Toiros, Mulheres e Fado.

: : TERRA : :
DE
: : NINGUEM : :

REDONDILHAS DA
GRANDE GUERRA

POR

: : SALEMA VAZ : :

(2.ª EDIÇÃO)



LIVRARIA CENTRAL — EDITORA
LISBOA



R. 102104



As mães e noivas portuguezas, que souberam amar a sua terra no sacrificio dos entes queridos.



Redondilhas que a Saudade
Com sua pena escreveu.
O coração é o tinteiro,
Fresca tinta o sangue meu!



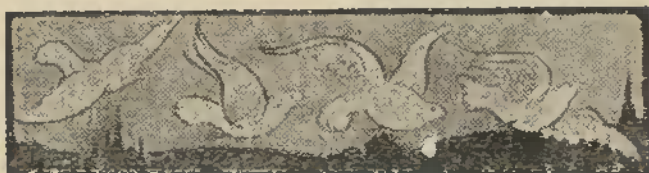
Os olhos das portuguezas
São fontes sempre a correr,
Onde a Patria se debruça,
Cheia de sêde, a beber!



Das penas que andei penando
Fiz umas azas; e um dia
Bati as azas cantando,
Dei largas á phantazia.

Aza e Sonho! Dois irmãos
Nascidos da mesma mãe:
A Aza é filha da Ancia,
Que é mãe de Sonho tambem!

ANTE-LIBRO



Hora de Redempção

I

Aos meus irmãos d'armas.

*Morro contigo, ó Patria bem-amada,
Disse Camões, vidente, n'agonia,
E a Patria ouviu-lhe a voz que mal se ouvia,
Tremeu de medo e ergueu-se libertada!*

E cada portuguez era uma espada
Luzindo ao sol da Gloria, que rompia!
Em cada peito um coração batia:
Cota de malha nunca violada!

TERRA DE NINGUEM

Resurja em nós o sangue que remiu
Da Morte, outr'ora a Terra Portugueza!...
Senhora Mãe, bateram, não ouviu?...

E fui abrir a porta. E desde então
Bailam as naus no Tejo de turqueza;
Que Deus lhes dê bom vento, de feição!

D'aquelles em que Amor maior euidado
Não poz, do que na sua Patria, eu sou;
E tanto que p'ra tal Deus me creou,
Que fez de mim Poeta e após... Soldado.

De Nun'Alvares a hora ha já soado
N'este presente triste, que afundou
Toda uma Raça forte, que legou
A' post'ridade a joia do Passado!...

TERRA DE NINGUEM

Eu canto esta formosa Terra-amada,
E choro a negra sorte que ella teve!
O' Santo Condestabre: Alma sadia

Em corpo são! Que a vossa rija espada
A quem a lusa gente tanto deve,
Comnosco seja á hora d'agonia!





TERRA DE NINGUEM



A uma Madrinha de Guerra

Hei-de ir p'ra guerra; é meu fado!
Sou um poeta-soldado,
Hei-de morrer a cantar!
As cordas da minha lyra
(Que p'lo passado suspira)
Não, não se hão-de enferrujar.

TERRA DE NINGUEM

Hei-de cantar as saudades
De tão formosas edades
Que o tempo veio roubar;
Hei-de cantal-a a Você
Madrinha, que por mercê
Da sorte, pude arranjar.

Cantarei a Patria qu'rida,
Entre céu e mar metida:
A minha Patria sem par!
Saberei olhar nas fontes,
Nos olivedos, nos montes,
Nos rios que vão p'r'o mar;

A UMA MADRINHA DE GUERRA

Um pedaço da minha Alma
Que segue na lucta, calma,
Pro-Patria do meu pensar!
Porque cantar meu torrão
E' dizer ao coração:
«Canta!»... E elle pôr-se a cantar!

Cantar o céu anilado
D'este berço bem-amado,
E' cantar o vosso olhar!
Cantar as noras queixosas,
Tão tristes e tão bondosas,
E' vossas penas lembrar!

TERRA DE NINGUEM

Cantar os rios que em fio
Correm, é ver cada rio
Vossas veias imitar!
Cantar o mar quando canta,
E' ouvir sua voz: encanta
E embala, mais que a do mar!

Cantar as fartas searas,
E' cantar as tranças raras
Com que o vento usa brincar!
Cantar as aguas das fontes,
E' devorar horizontes
E vir comsigo chorar!

Que importa que eu vá p'ra guerra?
No coração, minha terra
Hei-de a França transportar.
Sentindo-o a bater no peito
Eu julgo ouvir, satisfeito,
Portugal por mim chamar!...

Leval-a no coração
E' ver erguer sua mão
Lá de longe a abençoar
(Qual raminho d'oliveira
Que ensombrando a paz da leira
Faz a terra refresezar).

TERRA DE NINGUEM

Este poeta-soldado
Que p'ra cumprir o seu fado
Ha-de morrer a cantar
Saudades d'uma ventura,
Que na vida apenas dura
O que a espuma usa durar!





Ai!... Quem me dêra ser carta!...

Minha Mãe:

Se lhe dissesse
O que o meu coração sente
Por estar de vós auzente,
Nem todo o papel que houvesse
Chegaria certamente!

TERRA DE NINGUEM

A minha *pena* é tamanha
Que a mão não pode eom ella!
Cahe-me ao chão e p'ra sustel-a
Fiz da vontade uma aranha:
Urde a teia e prende-a... E' vel-a!

Como podia eu julgar
Que voltasse tão asinha
(Como a gota volta ao mar!)
A' França, d'onde a chorar,
Vim um dia em condecinha?!

AI!... QUEM ME DÊRA SER CARTA!...

Nem tu nem eu, minha Mãe,
Futuravamos tal cousa!
Toda a agua que o mar tem
Sahe de lá; certo é, porém,
Que nem toda lá repousa!

Quantas lagrimas choradas!...
Quantas lagrimas bebidas
Por sêdes não mitigadas
D'horas saudosas passadas,
Que hoje são fontes doridas?!...

TERRA DE NINGUEM

Eu vivia á tua beira
Tão alheio á minha sorte
Qual pinto na capoeira
Que sob a aza hospitaleira
Nem sonha sequer, co'a morte?!...

E a minha infancia passava
Acalentada p'lo amor
Que o teu coração me dava;
Com mais constancia, pasmava,
Do que um forno dá calor!...

AI!... QUEM ME DÉRA SER CARTA!...

Então o tempo corria
A' desfilada!... Era vel-o!
Chegava a noite e eu dizia:
«Como foi curto este dia!
Já lá vem o setestrello!»

Hoje tudo é diferente!
O tempo já fatigado
De correr constantemente,
Pára, á sombra do Presente,
A recordar o Passado!

TERRA DE NINGUEM

Nestas vigílias certas,
Feitas d'Odio e d'Anciedade,
Pelas campinas desertas
As sentinelas espertas
Rondam horas de Saudade!

E vae d'ahi, numa noite,
Fui dar commigo a pensar:
«Coração que o Bem acoite
E que na guerra se afoite
Que força o faz afoitar?!...»

AI!... QUEM ME DÊRA SER CARTA! ..

Que poder, que mão estranha
Me transformou numa fera
Sanguinolenta, se eu era
Antes de guerra tamanha,
Ave mansa, que Amôr gera?!...

Se algum Bem meu coração
Gerou dentro em si, esse Bem
Foi-me roubado!... E por quem?...
Não descubres o ladrão?
Foi o Dever, Minha Mãe!

TERRA DE NINGUEM

Foi elle que em certo dia
Me levou p'la barra fóra
Na ancia (que me apavora)
De fera que se sacia
Em matar, mas não devora!!

Por elle se mata e morre
Numa alegria feroz!...
Cada soldado é um algoz
Da morte, que ronda e corre
Dia e noite atraz de nós!

AI!... QUEM ME DÉRA SER CARTA!...

Desde o instante da partida
Lá das terrinhas do Norte
Eu conheci minha sorte:
Matar, fazendo p'la vida!
Viver, fazendo p'la morte!!

Deus o quiz e seja feita
Sua divina vontade!
Quem me déra nessa idade
Em que esta oração perfeita
Me ensinou tua bondade!...

TERRA DE NINGUEM

No teu colo aconchegado,
A' hora de me deitar,
As mãos erguidas ao ar,
Eu rezava acompanhado
Por tua voz de embalar.

Com tal jeito e devoção
Tu me falavas, que eu ia
Só no meio e já dormia
Junto ao meigo coração,
Que no teu peito batia!!

AI!... QUEM ME DERA SER CARTA!...

Tudo perdi! Que o Destino
Da Patria, vai muito alem
Do nosso. E tu, minha Mãe,
Se me creaste em menino
Foi p'ra ser homem tambem.

Por minha sorte não temas;
Vive em paz dóce velhinha,
Que eu hei-de voltar azinha:
Quando arrancar as algemas
Dos pulsos da Patria minha.

TERRA DE NINGUEM

Voltarei p'ra ao-pé de ti
Quando esta guerra acabar...
Ai! quem me déra abalar
Com a carta que escrevi,
Para te vêr e abraçar!...

Que ditosas são as cartas!
Vão onde quer a Saudade
E voltam com brevidade,
De noticias cheias, fartas,
A mitigar a Anciedade!

AI!... QUEM ME DÉRA SER CARTA!...

São a maior alegria
Do soldado, nas trincheiras!
São pombas brancas, ligeiras,
Que mandamos e Deus guia
Durante leguas inteiras!

.....
.....
.....
.....
.....

TERRA DE NINGUEM

E' necessario que parta
Este papel... São curtinhas
As horas!... Saudades minhas...
Ai! quem me dera ser carta
E partir com estas linhas!





Carta a Maria

Das trincheiras.

Minha amada

Pela Graça do Senhor

E também do nosso amor,

Que, como a árvore podada,

Tem mais força e mais vigor!:

TERRA DE NINGUÉM

Eu nem sei como te diga
A Saudade que me fazes;
Mai-a inveja dos rapazes
Que ao-pé de ti, minha Amiga,
Vivem na maior das pazes.

Doentes, elles?... Serão...
Mas p'ra que quero a saúde
Se eu vivo neste talude
Qual um morto no caixão:
Sem a Esperança, que illude?

CARTA A MARIA

De que me serve ser forte,
Se esta Saudade se espalha
E fere mais que a metralha
Que, como a foice da Morte,
Ceifa o campo de batalha?...

A mim não me importa o p'rigo
Que a elle já estou afeito!
Ha porém dentro do peito
Mais poderoso inimigo
Ao qual eu ando sujeito.

TERRA DE NINGUEM

Se não fosses tu, Maria,
Que me importava esta guerra?
Que ella fôsse na Inglaterra,
Ou na França, eu antes qu'ria
Do que fôsse em nossa terra!

Deixal-o; cumpra-se o fado.
Cá estou e cá morrerei
Se fôr essa a minha lei;
Pois como todo o soldado
A' sorte me abandonei.

CARTA A MARIA.

Não penso mais do que em ti
E em cumprir o meu dever.
Todo aquel' que assim fizer
(Foi o que nos livros li)
Vae p'ra o ceu quando morrer.

Já lá vão dezoito meses
Que eu parti p'ra a romaria
Da Senhora da Agonia,
Cá da terra dos francezes
E tambem de quem nella ia!...

TERRA DE NINGUEM

E desde então no meu peito,
A Ermidinha das Saudades,
Meu coração dá Trindades
Com mais devoção e geito
Do que os sinos das cidades!

Da Patria fiz um altar
Onde eu (como o nosso abade)
Sou aquelle que um dia ha-de
Dar ao Mundo a commungar
A hostia da Liberdade!...

CARTA A MARIA

Não me arrependo de ter
Vindo aqui; pois certamente
Que o soldado vae na frente,
Qual a candeia que a arder
Alumia duplamente.

O que me custa e me peza
E' não ter-te á minha beira
Como tenho esta bandeira,
Para quem a gente reza
Uma oração derradeira!...

TERRA DE NINGUEM

Ter-te aqui a par comigo
A recordar nossa terra,
Donde a gente se desterra
A combater o inimigo
De todo o bem que ella encerra!

A recordar quando outr'óra
Nos ranchos dos arraiaes,
Caminho dos olivæes
Por aquella estrada fora,
Cantavas melhor que as mais!

CARTA A MARIA

Em noites de lua-cheia
Que alegres descamisadas!...
E nas ceifas e malhadas?!...
Oh! Não falemos da aldeia...
E das venturas passadas!

Alguem me disse e eu creio
Que recordar é viver
Novamente! Pode ser;
Mas quem para a guerra veio
Não se lhe dava morrer...

TERRA DE NINGUEM

Morrer? Que importa? E' um bem
Até!... P'ra que serve a vida
Se na conta de perdida
Já cada soldado a tem
Desde o dia da partida?

A morte não é surpresa!
Vivendo nós enterrados
Bem podemos ser tomados
(Se escaparmos da proeza)
Por mortos ressuscitados!...

CARTA A MARIA

Quem sabe até se ao chegar...
Chegar?!... Partir já eu sei
Que parti, donde deixei
Os teus olhos côr do mar!
Mas da volta, o que direi?!...

Estás a chorar, Maria?
Limpa os teus olhos, creança,
Ao lenço verde da Esp'rança,
Que com prantos, hoje em dia,
Já nada, nada se alcança!...

TERRA DE NINGUEM

Saber esp'rar é virtude.
Soffro sim; e isso que tem?
Tu não soffrerás tambem?
Sinto até que dão saúde
Estas saudades d'alguem!...

Pelo menos dão alento,
Dão coragem; isso é que dão!...
Por ser teu meu coração
Defendo-o a todo o momento
Como é minha obrigação

CARTA A MARIA

Nelle estás porque elle encerra
A minha Patria adorada,
Onde vive a minha amada,
Onde existe a minha terra,
Mail-a família deixada!

O coração é a bandeira
Que cada um tem no seu peito;
O retrato mais perfeito
Desta Patria tão cimeira
Que governou mundo a cito!

TERRA DE NINGUEM

E a bandeira é o retrato
De todos os corações,
Que rezam as orações
Pela Paz, porque me bato
Nestas longinhas nações!

Portugal, tão pequenino
E tanto poder que teve!
Lê a gente e pasmar deve
Como elle sendo menino
Tinha a mãozinha tão leve!...

CARTA A MARIA

Hoje, coitado, é um velho
Alquebrado e sem destreza,
Que dum tempo de grandeza,
Na Saudade, qual n'um 'spelho,
Remira a ida Belleza!...

Velho ou menino, que tem?
Elle é sempre Portugal
Que foi meu berço; e coval
Não sei se será tambem...
Deus m'ó dê!... Meu Ideal!

TERRA DE NINGUEM

Não pares a dobadoira
Nem deixes de ir ao tear,
Que no dia em que eu voltar,
Minha môça casadoira,
Havemos de nos casar.

Eu tenho fé; e acredito
Que ainda havemos de ser
Um dia, se Deus quizer,
Um parzinho bem bonito
Que invejas ha-de fazer!

CARTA A MARIA

'Tu, mais linda do que a Lua!
E da côr do firmamento,
Vestido o meu fardamento,
De braço dado na rua,
No dia do casamento,

Cheio o peito de medalhas
Como estrelinhas do céu,
Hão-de julgar que desceu
A' terra o Deus das batalhas
E vae casar!... Mas sou eu!

TERRA DE NINGUEM

Enlevado nesta idéa
Já quasi que me esquecia
De dar-te a nova, Maria,
Que ha-de espantar toda a aldeia
E a ti causar alegria:

As Cruzes, aqui, não são
(Como essas da nossa terra)
Signaes de Paz: mas de Guerra!
Nem só aos mortos as dão,
Que ás vezes nem um se enterra!

CARTA A MARIA

Dão-n'as aos vivos! Um dia
Pregaram-me uma no peito;
«Por ser soldado perfeito»
O commandante dizia...
E agora tomei-lhe o geito!

Estou tão habituado
A ser um morto com vida,
Que esta Cruz acho mer'cida;
E já fui condecorado
Com outra mui parecida!

TERRA DE NINGUEM

Se mais tempo cá andar
E' meu peito um Campo-santo:
Uma Cruz a cada canto
Dizendo a alguém que passar:
«Aqui jaz o Heroe e o Santo»!

Cá n'este paiz da guerra
(Que do nosso é bem dif'rente!)
E' lei matar tanta gente
Que se ensope toda a terra
Do sangue vermelho e quente!

CARTA A MARIA

.....
.....
.....
.....
.....

Como a carta vae comprida
E tu já debes 'star farta
Das coisas que nesta carta
Te conto, da nossa vida,
Vou fechal-a e vou mandar-t'a.

TERRA DE NINGUEM

E p'ra findar só te digo
Que dê's a todos, por mim,
De saudades um jardim;
Que as minhas para contigo
Só á vista terão fim!

Belem, 1917.



INDICE

Índice

Hora de Redempção	13
A uma Madrinha de Guerra.	19
Ai !... Quem me dera ser carta!...	25
Carta a Maria	39

: COMPOSTO E IMPRESSO NA :
TIPOGRAFIA « MINERVA » DE
GASPAR P. DE SOUSA & IRMÃO
AVENIDA B. DE TROVISQUEIRA
: VILA NOVA DE FAMALICÃO :
: : : : PORTUGAL : : : :

